

Ciranda Infantil do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)

Tânia Suely Antonelli Marcelino Brabo
Aline Lucas Ribeiro

Como citar:

BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino; RIBEIRO, Aline Lucas. Ciranda Infantil do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). *In*: BRABO, Tânia Suely Antonelli Marcelino; FUJITA, Mariângela Spotti Lopes (org.). **Mulheres em tempos de pandemia**. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2023. p. 237-252. DOI: <https://doi.org/10.36311/2023.978-65-5954-348-9.p237-252>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

CIRANDA INFANTIL DO MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAI SEM TERRA (MST)

Tânia Suely Antonelli Marcelino Brabo

Aline Lucas Ribeiro

RESUMO: Este artigo tem como objetivo apresentar uma análise descritiva sobre a Ciranda Infantil do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), que é um segmento dentro do Setor de Educação do Movimento. Esse é o maior movimento social brasileiro de luta pela terra. Utilizamos como metodologia a pesquisa de natureza bibliográfica e análise documental, investigamos o surgimento do MST e a história da Ciranda Infantil. Nessa análise encontramos elementos de luta das mulheres e reivindicações femininas em prol de sua emancipação e dos cuidados pedagógicos para com seus filhos, fato coerente com as propostas que são defendidas pelo Movimento. Vale ressaltar que o mesmo faz crítica a da ordem vigente e busca evidenciar as desigualdades sociais e o massacre do povo do campo. Dentro do MST existem crianças e elas fazem parte do Movimento, são sujeitos de sua própria história, que acontece dentro do Coletivo. Assim como os demais sujeitos que o compõe, as crianças fazem parte da construção.

PALAVRAS-CHAVE: Educação; Ciranda Infantil; MST; Mulheres em Movimento.

ABSTRACT: This article aims to present a descriptive analysis of the Children's Ciranda of the Landless Rural Workers Movement (MST), which is a segment within the Movement's Education Sector. This is the largest Brazilian social movement fighting for land. We used

<https://doi.org/10.36311/2023.978-65-5954-348-9.p237-252>

as methodology the bibliographic research and documental analysis, we investigated the emergence of the MST and the history of Ciranda Infantil. In this analysis, we find elements of women's struggle and women's claims in favor of their emancipation and pedagogical care for their children, a fact that is consistent with the proposals that are defended by the Movement. It is worth mentioning that it criticizes the current order and seeks to highlight social inequalities and the massacre of the rural people. There are children within the MST and they are part of the Movement, they are subjects of their own history, which takes place within the Collective. Like the other subjects that compose it, the children are part of the construction.

KEYWORDS: Education; Children's Ciranda; MST; Women in Motion.

CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

O presente artigo é parte da pesquisa que estamos realizando na temática da Educação Infantil e dos movimentos sociais, apresentado enquanto o Trabalho de Conclusão de Curso da primeira autora na graduação em Pedagogia da Faculdade de Filosofia e Ciências, UNESP – Campus de Marília.

O objeto desse artigo é analisar a Ciranda Infantil, do MST. Luedke (2013, p. 29-30) define a Ciranda Infantil como:

[...] um espaço educativo, intencionalmente planejado, organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) com objetivo de trabalhar as várias dimensões de ser criança Sem Terrinha. Atualmente, o MST vem realizando ações sistematizadas das práticas educativas na Ciranda Infantil, cujo objetivo está na relação entre adultos e crianças em um espaço organizado que possibilite a formação humana além da dimensão da educação formal ou escolar, ou institucionalizada. Além do MST, participam da Ciranda outros Movimentos Sociais do Campo, como, por exemplo: Movimento das Mulheres Camponesas (MMC), Movimento dos Atingidos por Barragens (MAB), Movimento dos Pequenos Agricultores (MPA), entre outros.

Deste modo, pretendemos fazer uma análise descritiva sobre a Ciranda Infantil e a concepção de Educação do MST, que está respaldada dentro das políticas e diretrizes pedagógicas da Educação Infantil do

próprio Movimento Social. No presente trabalho descreveremos a história do surgimento das Cirandas Infantis e suas particularidades. A perspectiva metodológica deste trabalho é de natureza bibliográfica e documental.

Utilizamos a pesquisa de natureza bibliográfica como aporte teórico, que fundamentou nosso objeto de estudo. Quanto à pesquisa documental restringimo-nos ao Caderno de Educação nº 14, de Junho de 2017, Educação no MST Memória. Segundo o documento,

Entendemos que esta coletânea de documentos reflete o movimento das discussões e das definições políticas de atuação do Setor de Educação na relação com o conjunto das instâncias organizativas do MST. É importante ter presente que nem todas as nossas discussões e definições políticas chegam a ser transformadas em documentos. Há muitos outros registros em relatórios de reuniões, em cadernos pessoais de anotação e em arquivos eletrônicos à garimpar. E há muitos elementos de memória oral a recuperar, também da construção do trabalho de educação em cada estado, algumas delas já registradas em entrevistas para escritos da história do MST. O movimento da realidade é certamente mais rico do que os documentos conseguem revelar, mas os textos aqui compilados conseguem nos dar uma ideia de nosso percurso até aqui. (MST, 2017, p. 7).

Vale ressaltar que o Movimento construiu uma proposta pedagógica própria para dar suporte e legitimar toda sua trajetória política e posicionamento sócio-político. Deste modo, o que o Movimento pretende é uma mudança estrutural da sociedade, e para isso se faz necessário uma nova forma de educação, que seja uma educação popular, com vistas a buscar uma sociedade democrática e justa, com elementos do socialismo e contra o avanço do capitalismo:

[...] são propostas concretas que refletem o nosso desejo de construir uma educação classista, que resgate a história verdadeira – abafada pela escola tradicional –, que questione a realidade, comprometendo-se com sua transformação, que eduque para a libertação e não para manter o sistema, que leve o trabalhador a reagir à dominação e a construir sua própria história. (MST, 2017, p. 12).

Para tanto, o MST se empenha e investe na educação e formação dos sujeitos que constituem seus quadros políticos e sociais, onde, dentro dessa proposta de educação encontramos a Ciranda Infantil.

CONTEXTO HISTÓRICO: O SURGIMENTO DO MST E DA CIRANDA INFANTIL

*“Minha ciranda não é minha só
Ela é de todos nós
A melodia principal quem
Guia é a primeira voz. Pra se dançar ciranda
Juntamos mão com mão
Formando uma roda
Cantando uma canção.”
(Lia de Itamaracá)*

A forma de ocupação e exploração das terras brasileiras pelos Portugueses deu início à desigualdade social que existe no Brasil até os dias de hoje. Já se somam mais de cinco séculos em que o latifúndio expropria, mata e dita as regras de toda uma sociedade. Porém, durante toda essa história de exploração também foram travadas inúmeras lutas e resistências populares e camponesas. Como exemplo de nossa resistência, podemos citar aqui, os Índios Guarani, os povos Quilombos, as Ligas Camponesas, Canudos, e o mais recente, Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Todos esses, dentre muitos outros, lutaram contra a mercantilização e exploração da terra e do próprio ser humano.

Um movimento que virou símbolo de luta em nosso país foi o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – o MST, fundado em 1984.

Gestado entre 1979 e 1984, e criado oficialmente em 1984, fruto da impossibilidade dos trabalhadores do campo em se

manter fora da luta devido às situações históricas (do latifúndio brasileiro) e objetivas (expulsão dos trabalhadores do campo em nome de uma mecanização nas lavouras). Somadas essas situações e percebida a necessidade de uma maior articulação para a luta, pois a história revelou que manifestações isoladas acabavam sendo esmagadas e morrendo rapidamente, as condições e articulação das primeiras lideranças deram vida ao MST. (BARCELLOS, TORRES, 2019, p. 59).

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra cresceu se tornando um expoente de luta social pela Terra, pela reforma agrária e pela valorização da cultura e modo de produção campestre, de modo que, com toda essa demanda política do movimento, surgiu também a preocupação com o tipo de educação que seria fornecida a esses sujeitos. Ou seja, o Movimento se consolidou e a educação exerceu papel fundamental nesse processo.

Entretanto, vale ressaltar que a preocupação com a educação é intrínseca ao Movimento, na qual, desde o início de sua formação, foi pauta de suas reivindicações, pois, no interior de sua luta, em sua prática, fez-se necessário uma nova consciência política e social, visto que o Movimento tem como motor a luta contra o avanço do capitalismo, um novo sujeito, coletivo e modernizador “[...] a educação do MST estrutura-se enquanto uma pedagogia da luta social, isto é, a luta engendrada pelo Movimento educa as pessoas, e suas diretrizes pedagógicas orientam suas ações políticas.” (PALUDETO, 2018, p. 37).

Assim, devemos compreender a Ciranda Infantil como uma vertente dentro do setor de Educação do Movimento.

As primeiras experiências de atendimento organizado para com as crianças do Movimento nasceram de duas necessidades, foram elas que deram origem às suas primeiras Cirandas.

A primeira delas foi a preocupação das mães e mulheres do MST com a situação de seus filhos. Segundo Paludeto (2018, p. 54),

[...] A principal motivação da luta pela escola dentro dos acampamentos adveio da necessidade concreta de ocupar as crianças ociosas com atividades e explicar as agitações pelas quais estavam passando. Por isso, grupos de mães passam a orientar as brincadeiras do grupo de crianças e a explicar, pelo menos um pouco, o que está acontecendo em suas vidas, integrando-as nas várias atividades do Acampamento.

Segundo a autora, os grupos de mães passaram a orientar e direcionar atividades de maneira politizada para os grupos de crianças dos acampamentos e assentamentos. Essa preocupação do MST com suas crianças, foi e ainda está na contramão do que temos observado em nossa sociedade capitalista e adultocêntrica, em que as crianças e mulheres sempre foram tratadas como acompanhantes.

A história do Movimento nos mostra que essa preocupação com a infância foi legitimada juntamente com os processos de consolidação do Movimento, enxergando os componentes da luta, todos, em suas peculiaridades, sem excluir nenhum dos seus integrantes.

O MST que durante muito tempo considerou as crianças somente como testemunhas e membros das famílias que participavam das ocupações de terras. Fora necessário muito choro, birra, gritos, brincadeiras e mobilizações, para que o próprio Movimento enxergasse essas crianças como sujeitos da luta pela terra. São elas também que ocupam a terra, que reivindicam direitos pela sua infância que deveriam ser garantidos pelo Estado. (BARCELLOS; TORRE, 2019, p. 63).

A segunda necessidade do Movimento em organizar o atendimento às crianças se deu novamente a partir de necessidades das mulheres, pois elas precisavam ajudar na produção, na militância, no crescimento do Movimento, nas articulações e organizações. “[...] a participação das mulheres na produção, através das cooperativas e associações, do trabalho coletivo e, no conjunto do MST, a participação das mulheres na militância, nos cursos e encontros de formação, nas reuniões, nas lutas.” (MST, 2017, p. 91).

Para isso, se fez necessário a construção de uma dinâmica coletiva que conseguisse atender essas crianças de 0 a 6 anos, que na maioria das vezes são negligenciadas pelo Estado, que se diz obrigado a fornecer a educação infantil apenas a partir dos 4 anos de idade.

De acordo como Ângelo Diogo Mazin, assentado no assentamento Luiz Beltrame, localizado na região de Garça – SP, a prefeitura da cidade vizinha ao assentamento (Ubirajara – SP), argumenta que não tem transporte público adequado para atender essa faixa etária. Abandonando assim, essas crianças sem respaldo educacional público nos assentamentos rurais da região. No caso desse assentamento, a situação se torna ainda mais grave, pois o assentamento tem apenas 5 anos de existência, não está consolidado estruturalmente e vem sofrendo com um processo de reintegração de posse, o que torna a situação de todos ainda mais difícil, sobretudo para as crianças que ficam a mercê de uma lei interpretada “erroneamente” pelo poder público. (Entrevista realizada com Ângelo Diogo Mazin da coordenação estadual do MST-SP e assentado no assentamento Luiz Beltrame em Gália-SP, dia cinco de novembro de 2019).

Sabemos que essa é uma realidade do campo que sofreu e ainda sofre com o êxodo rural, com a falta de investimento, e como a falta de cuidado e respeito com sua cultura, seu modo de vida, e sua gente. A precariedade e a falta de investimentos no campo, ainda hoje, têm feito famílias inteiras abandonarem suas terras, dirigindo-se a cidade em busca de melhores condições de vida e acesso a serviços públicos básicos, como os de saúde e educação.

Apartir da década de 1950, considerado o período ‘desenvolvimentista’, principalmente pela conjuntura de industrialização do Brasil, a ideia de progresso enfatizava uma cultura de supervalorização do mundo urbano, em detrimento do mundo rural. Tal contexto de predomínio da cultura urbana fortaleceu a percepção social das pessoas do meio rural por meio de estereótipos negativos, tais como ‘tabaréu’ ‘capiau’, ‘caipira’, ‘atrasado’, ‘matuto’, dentre outros. Em função dessa percepção, o camponês, além de representar entrave ao desenvolvimento por sua suposta ‘ignorância’ e ‘ingenuidade’, era considerado ‘presa fácil’ para a subversão. Assim, era necessário controle estatal sobre essa população para combater ‘o comunismo’ e garantir o desenvolvimento/progresso da sociedade brasileira. (SANTOS, 2018, p. 5).

No caso das crianças do MST, essa exclusão é ainda mais latente devido à criminalização do Movimento, oriundo dos meios de telecomunicação, respaldando grandes latifundiários capitalistas, Governos, e a própria mídia.

Isto posto, foi a partir dessas duas necessidades que nasceu o embrião da Ciranda Infantil. Inspirada na experiência cubana de Círculos Infantis, as primeiras manifestações de organização com as crianças do Movimento levavam este nome e aconteceram no MST-CE.

Dessas primeiras experiências de Círculos Infantis, aconteceram as primeiras discussões acerca da Educação Infantil do Movimento no Setor Nacional de Educação na cidade de Santos/SP em 1996.

Posteriormente, a educação infantil virou pauta de discussão, debates, oficinas e cursos de formação de professores e educadores infantis dentro do Movimento. Com o passar do tempo e aprimoramento dessa experiência, os Círculos Infantis passaram a se chamar Cirandas Infantis, fazendo referência à nossa cultura popular brasileira, às brincadeiras de roda das crianças, nossas danças e também “[...] à cooperação, à força simbólica do círculo, ao coletivo e ao ser criança.” (MST, 2017, p. 91).

Assim, foi decidido coletivamente os principais desafios da educação infantil no MST:

Ampliar a discussão sobre a educação familiar, a necessidade das famílias compartilharem a educação das crianças de 0 a 6 anos com a comunidade, o coletivo, a escola infantil, em nosso caso, as cirandas infantis; Lutar por políticas públicas para a Educação Infantil do Campo, uma educação infantil que respeite a diversidade dos sujeitos que formam e transformam o campo brasileiro; Lutar contra a exploração do trabalho infantil, trazendo como contraponto a participação amena das crianças em tarefas ao lado das famílias, o aprendizado do trabalho do campo, o aprendizado da terra, de ser um homem, uma mulher da terra. (MST, 2017, p. 92).

A primeira Ciranda Infantil aconteceu em 1997 no I Encontro Nacional dos/as Educadores da Reforma Agrária (Enera), na cidade de Brasília e daí por diante a Ciranda Infantil se tornou parte fundamental

dos encontros do Movimento. Sendo organizado com intencionalidade pedagógica e em duas modalidades que explicaremos a seguir; a Ciranda Infantil Permanente e a Ciranda Infantil itinerante.

CIRANDA PERMANENTE – A PARTICIPAÇÃO DAS MULHERES NO TRABALHO COLETIVO

As Cirandas Infantis foram concebidas no Movimento para atender a demanda das crianças com idade inferior a seis anos de idade. No entanto, é importante frisar que, num primeiro momento, as Cirandas foram pensadas porque as mulheres, principalmente aquelas que eram mães, queriam participar ativamente das discussões, organizações, embates, ações e lutas do Movimento, mas não tinham onde deixar as crianças. Por esse motivo foram criadas as primeiras experiências de atendimento organizado para as crianças pequenas. (BARCELLOS; TORRES apud PELOSO, 2013, p. 10).

A Ciranda permanente, como já mencionado anteriormente, é uma alternativa ao abandono estatal com a educação infantil e principalmente com a educação no campo. Nos grandes centros já sabemos que as filas de espera das creches são enormes. [...] “Começamos a atuar na perspectiva da Educação do Campo quando, alguns anos depois de estar fazendo a luta por escolas públicas nos assentamentos, nos demos conta de que os Sem Terra não são os únicos excluídos da escola.” (MST, 2017. p. 86).

No que se refere à educação no campo, ela simplesmente não existe, apesar de ser mencionada nos documentos oficiais “Cirandas infantis são experiências importantes, pois esta tem uma possibilidade de ser uma referência nas discussões e implementação das políticas públicas de educação infantil no campo.” (ROSSETTO, 2019, p. 83).

As Cirandas Infantis permanentes foram inicialmente propostas pelo setor de Produção, Cooperação e Meio Ambiente do MST pois as mulheres mães precisavam participar dessa produção e são as mais afetadas pela falta de políticas públicas para a infância no campo, além claro, das próprias

crianças, mas são as mães que se alienam de si mesmas para os cuidados e bem estar de seus filhos. Sendo assim, esse olhar emancipador para as mulheres mães e seus filhos, dentro do Movimento, ganhou legitimidade e força, implicando ainda no surgimento de outra demanda de discussão de extrema relevância, o Setor de gênero:

Assim, com a saída para o trabalho nas cooperativas e com processo de luta pela terra, as mulheres sem terra organizaram-se internamente no Movimento e para realizar o enfrentamento contra o capital. Em 2000, no Encontro Nacional do MST, foi aprovada a criação do Setor de Gênero. Na atualidade, as mulheres do MST vêm travando várias lutas com as grandes empresas multinacionais. Estas lutas ficam mais visíveis para a sociedade no dia 08 de março, data em que as mulheres fazem várias ações, denunciando o modelo agrícola que grandes empresas como Monsanto, Vale do Rio Doce, Aracruz, etc., vêm desenvolvendo no campo brasileiro. Analisando esta experiência, podemos ressaltar que ela possibilitou às mulheres e crianças saírem do seu espaço privado, ou seja, sair de casa, e conquistar seu espaço público no MST. (ROSSETTO, 2009. p. 100).

A necessidade de criação Setor de gênero está na busca pela transformação da sociedade, que não é possível de se alcançar sem a superação das desigualdades nas relações de gênero (PESSOA, 2018). Dessa forma, como o próprio movimento prevê:

O setor de Gênero do MST compreende que discutir e buscar construir novas relações de gênero não está descolado da luta de classes. Ao contrário, entende que essas lutas não podem acontecer separadamente. O setor luta exatamente para garantir que as mulheres participem do processo de luta pela transformação social como sujeitas da história. Por isso procura garantir que elas tenham iguais oportunidades de militar e dirigir o movimento. Afinal aprendemos na experiência destes 20 anos do MST que é participando que se eleva o nível de consciência. É no processo de formação permanente, com teoria e prática, que vamos deixando de ser objeto para nos transformarmos em sujeitos (as) sociais. (MST, 2003, p. 22).

Hoje, as instâncias do MST são compostas por 50% de mulheres e 50% por homens. Vale destacar que nesse processo existem muitos homens também contribuindo na construção das Cirandas, principalmente das Cirandas Itinerantes, assim como, muitos casais trabalhando com a Pedagogia do Movimento no interior da Ciranda.

Nesta direção, o MST tem buscado construir uma ação pedagógica e atuar como sujeito educativo para os (as) sem-terra e também para o conjunto da sociedade, de modo a contribuir de alguma maneira para reorientar as possibilidades de formação e vivências que induzam a práticas mais democráticas e solidárias nas relações de gênero. (SABIA; BRABO, 2016, p. 183).

As Cirandas Infantis permanentes atendem as crianças nos assentamentos e cooperativas, fazendo o papel que o Estado não faz e durante todo o período de trabalho de suas famílias na produção do assentamento. Elas têm sua proposta pedagógica definida pelo Movimento e um investimento na formação de professores específicos para a educação infantil.

CIRANDA ITINERANTE – MULHERES EM MOVIMENTO, MULHERES DO MOVIMENTO

Organizada por um coletivo de educadores, o espaço tem como objetivo realizar atividades pedagógicas com os Sem Terrinha durante o encontro, possibilitando a participação efetiva dos pais, especialmente as mulheres. Na ciranda, as crianças aprendem sobre a sua história e identidade camponesa, quando diversos temas são abordados, inclusive a luta pela Reforma Agrária, por meio do teatro, músicas, filmes, desenhos e pinturas. Os elementos lúdicos, a arte, o estudo e a brincadeira se misturam neste espaço de aprendizado onde os Sem Terrinha constroem conhecimento. (MST, 2015, p. 1).

Uma das principais características do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra é sua peregrinação militante, seus acampamentos de

lona, confrontos com policias e com grandes latifundiários armados e respaldados pelo senso comum coletivo de criminalização do Movimento, independente de estarem atirando contra famílias inteiras que carregam crianças em suas buscas pelo direito de plantar, colher e erguerem suas casas na terra cultivada, fruto do seu trabalho, produtivo, diga-se de passagem. Para tanto, a Ciranda Infantil Itinerante garante a segurança, na medida do possível, das manifestações e articulações do Movimento e/ou também, garantem o espaço lúdico e educativo durante reuniões, oficinas e estudos de suas mães e pais. Atendendo especialmente a ocupação, por parte das mulheres mães das estâncias de luta e do Saber.

Assim, com a saída para o trabalho nas cooperativas e com processo de luta pela terra, as mulheres sem terra organizaram-se internamente no Movimento e para realizar o enfrentamento contra o capital. Em 2000, no Encontro Nacional do MST, foi aprovada a criação do Setor de Gênero. Na atualidade, as mulheres do MST vêm travando várias lutas com as grandes empresas multinacionais. Estas lutas ficam mais visíveis para a sociedade no dia 08 de março data em que as mulheres fazem várias ações, denunciando o modelo agrícola que grandes empresas como Monsanto, Vale do Rio Doce, Aracruz, etc., vêm desenvolvendo no campo brasileiro. Analisando esta experiência, podemos ressaltar que ela possibilitou às mulheres e crianças saírem do seu espaço privado, ou seja, sair de casa, e conquistar seu espaço público no MST. (ROSSETTO, 2009, p. 100).

CONCLUSÃO

Podemos comparar a Ciranda Infantil do MST com o nosso modelo de ‘creches’ e parquinhos infantis? Não. A Ciranda está para além, desde sua formação, no embrião do Movimento, pois ele se constitui por famílias, em sua grande maioria, são crianças e mulheres, que impulsionaram este galho que pertence a uma árvore frutífera que é o Setor de Educação do Movimento.

Com o crescimento do MST e a implementação das Cooperativas, os assentados e acampados do Movimento saíram do modo de produção individual, em que cada um trabalhava o seu lote, para adentrarem no

trabalho coletivo. Fez-se necessário o pensamento coletivo sobre o que plantar, o que colher, onde vender, e o que fazer com as crianças. Por meio do trabalho modificaram suas estruturas de pensamento. A Ciranda faz juz à essa mudança de paradigmas:

Por isso, para o MST se faz necessário vincular as Cirandas Infantis às ações concretas que apontem às crianças o caminho do trabalho coletivo. Como também não podemos desvincular a ciranda dos seus educadores e educadoras para que estes/as tenham, no seu horizonte, uma prática educativa na perspectiva de uma educação emancipadora. (ROSSETO, 2009, p. 100).

Ainda para além, sua finalidade é valorizar e trabalhar a identidade de seus atores, com sua realidade: a realidade do sujeito do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra, que têm em sua história, o cheiro de Terra. Não abordamos neste artigo sobre os Sem Terrinha, onde se legitima a identidade das crianças Sem Terra pois, nosso intuito aqui, é descrever a Ciranda infantil e suas nuances de surgimento e proposta revolucionárias pois, para além de emancipar mulheres mães, proporcionando que saiam tranquilas do âmbito doméstico, o qual foi destinado na cultura patriarcal, às mulheres, a Ciranda também, trabalha pedagogicamente no sentido de politizar a infância do Movimento, os fazendo reconhecer-se como sujeitos históricos, dotados de vontades e direitos. São crianças de 0 a 6 anos na Ciranda Permanente que estariam debaixo de sol, em papelotes, sem água e alimentos, esperando o fim do dia, quando se encerra a colheita. Crianças que não se reconheceriam como seres políticos e sofreriam ainda mais as maldades do universo urbano que os repudia, legitimados pelo Estado.

Vale dizer também que elementos da Mística são muito utilizados na Educação Infantil, pois, esta traz teatro e músicas para expressar sua história e realidade.

[...] o eixo central acerca das primeiras escolas conquistadas pelo MST, não é a conquista em si da escola, mas sim o universo que permeia as motivações em se ter escolas nos assentamentos/acampamentos; os por quês e como as escolas são organizadas e dirigidas, os conteúdos trabalhados e como são selecionados,

quem são os professores e professoras, quais os fundamentos e os objetivos da educação, para que possamos compreender seu programa político-educacional geral. (PALUDETO, 2018. p. 55).

Sobretudo se analisarmos a política educacional das escolas tradicionais, voltadas para atender a estrutura capitalista, adestrando as crianças numa educação limitada e submissa, como afirma Krupskaya em seu texto 'A mulher e a educação das crianças' datado de 1899, nas escolas é proibido dizer a verdade, as únicas verdades absolutas são as de Deus e do Mercado. Emancipação humana amedronta os donos do poder.

A Ciranda é o semear do carvalho educacional do sujeito do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra. É essa semente (a criança) que construindo sua identidade dentro do Movimento, através dessa luta e dessa proposta pedagógica dotada de subversão, que pode ser a força motriz revolucionária que o Movimento propõe. Afinal, são poucos os donos da Terra e dos meios de produção. Já os Sem-Terra são muitos.

REFERÊNCIAS

BARCELLOS, L. H. dos S.; TORRES, J. C. A Ciranda Infantil e as crianças Sem Terra: educação e vida em movimento. *Dialogia*, São Paulo, n. 31, p. 57-65, jan./abr. 2019. DOI: <https://doi.org/10.5585/dialogia.N31.11458>.

DOCUMENTO do 1º Seminário Nacional de Educação em Assentamentos (São Mateus/ES, 27 a 30 de julho de 1987). *Caderno de Educação*, São Paulo, n. 14, p. 9-13. Educação do MST. Memória: Documentos 1987-2015.

A EDUCAÇÃO infantil no Movimento sem Terra (Novembro de 2004). *Caderno de Educação*, São Paulo, n. 14, p. 91-94, 2017. Educação do MST. Memória: Documentos 1987-2015.

KRUPSKAYA, N. K. *A construção da pedagogia socialista*. São Paulo: Expressão Popular, 2017. (Escritos selecionados).

LUEDKE, A. M. dos S. *A formação da criança e a ciranda infantil do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra)*. 2013. 182 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

MOVIMENTO DOS TRABALHADORES RURAIS SEM TERRA. *Construindo novas relações de gênero: desafiando relações de poder: as relações de gênero e o MST*. São Paulo: ANCA, 2003.

PALUDETO, M. C. *As diretrizes programáticas e a política educacional do Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST)*. 2018. 186 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2019.

PESSÔA, J. R. *A formação educacional e a igualdade de gênero no Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST)*. 2018. 132 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2018.

ROSSETTO, E. A educação das crianças pequenas nas cirandas infantis do MST. *Revista Múltiplas Leituras*, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 103-118, jan.-jun. 2010. DOI: <http://dx.doi.org/10.15603/1982-8993/ml.v3n1-2p103-119>.

ROSSETTO, E. *Essa ciranda não é só minha, ela é de todos nós: a educação das crianças Sem Terrinha no MST*. 2009. 209 p. Dissertação de Mestrado (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

SABIA, C. P. de P.; BRABO, T. S. A. M. O desafio de criar novas relações de gênero no interior do Movimento dos Trabalhadores Sem-Terra – MST: o assentamento do Contestado (Lapa-PR). In: CHAVES, V. L. J.; SOUZA, E. C. de (org.). *Documentação, memória e história da educação no Brasil: educação especial, questões étnico-raciais e de gênero*. Tubarão: Copiart, 2016. p. 165-188.

SANTOS, M. Educação do campo no Plano Nacional de Educação: tensões entre a garantia e a negação do direito à educação. *Ensaio: avaliação e políticas públicas na educação*, Rio de Janeiro, v. 26, n. 98, p. 185-212, jan.-mar. 2018. DOI: <https://doi.org/10.1590/S0104-40362018002600965>.

